

COMPETIÇÃO

Manoel Domingos da Silva

(Acadêmico de Licenciatura em Educação Física – FAHESA/ITPAC)

Edla Odebrecht

(Docente e Coordenadora do curso de Licenciatura em Educação Física – FAHESA/ITPAC)

Este artigo surgiu como estudo e pesquisa bibliográfica sobre a competição como pré-requisito da disciplina de fundamentos teóricos e metodológicos da Educação Física essencialmente no contexto escolar. Apresentando histórico e fato da competição envolvendo o ser humano, em modo geral sempre lutamos com alguém ou por alguma coisa, desde o processo conceutivo até a morte, enfrentamos batalhas onde na maioria das vezes temos que ser o mais forte, como na maioria dos jogos da vida, as regras não são explícitas e nem sempre o resultado é justo. Conhecendo inúmeras dificuldades enfrentadas no dia a dia para sobreviver, interagir, manter a saúde, o bem estar, competimos constantemente, devendo ser melhor preparados para as competições da vida, que nem sempre sabemos como, onde e contra quem estamos competindo e pelo que competimos. E aonde entra o papel da escola sobretudo da Educação Física na preparação do indivíduo.

Palavras-Chave: Rivalidade, emulação e porfia.

1. INTRODUÇÃO

Para que cada um de nós seres humanos sejamos concedidos teremos que ser o mais resistente, ágil e eficiente dentre cerca de dezenove milhões seres iguais a nos quando compomos os semens dos espermatozóides que percorreram cerca de seis metros que vai dos testículos ao útero materno isso prova que começamos a competir logo após o ato sexual de nossos genitores. Muito se tem feito para conceituar ou definir o termo competição que hoje é alvo de discussão no que diz respeito a sua aplicação no ensino aprendizagem.

Para os gregos em termos e timológicos buscou-se conceituar o jogo pra abranger todo o tipo de competição, mas o que mais aproximou da definição original foi “reunião”. Hoje entendida como forma de mostrar superação, garra, técnica e poder.

2. O QUE PENSAM SOBRE COMPETIÇÃO

É a interação entre indivíduos da mesma espécie ou espécie diferentes: humana, animal ou vegetal, que disputam algo. Esta disputa pode ser pelo alimento, pelo território, pela luminosidade, pelo emprego, pela fêmea, pelo macho etc. logo, a competição pode ser entre a mesma espécie em intra-específica ou de espécie diferente interespecífica.

Em ambos os casos, esses tipos de interação favorece um processo seletivo que culmina, geralmente, com a preservação das formas de vida mais bem adaptadas ao meio ambiente e com a extinção de indivíduos com baixa poder adaptativo.

Na ecologia, a competição constitui um fator regulador da densidade populacional, contribuindo para evitar a superpopulação das espécies. O comportamento da agregação tem como adjetivo não só a sobrevivência de cada endividado, mas também a dos seus descendentes, isso é, o futuro da espécie. A teoria de

Charles Darwin sobre a especiação, prega a seleção natural, mecanismo pelo qual a natureza seleciona organismos mais capacitados a sobreviver em determinados ambientes.

Platão descreve os rituais de dança armadas dos curetas, a maior parte das competições dos gregos seriam disputadas com uma seriedade moral para negar o caráter lúdico.

Nos jogos olímpicos havia duelos que só terminavam com a morte de um dos contendores.

Afirmam os gregos também que a competição e geralmente desprovida de objetivo. Quer isso dizer que a ação começa e termina em si mesma. Sem o resultado contribuir para o processo vital do grupo.

A essência do lúdico está contida na frase “há alguma coisa em jogo”. Mas esse “alguma coisa” não é o resultado material do jogo. Quem ganha no jogo, ganha estima, conquista honraria, no aspecto ao “instinto” de competição não é fundamentalmente um desejo de poder ou de dominação. De ser o primeiro, ser festejado, ser o campeão.

Competimos por alguma coisa além da vitória que é acompanhada de celebração ao triunfo por um grupo, com grande pompa, aplausos e ovações. Os frutos da vitória podem ser honra, a estima e o prestígio. A vitória está ligada a alguma coisa mais do que a honra como um prêmio de valor simbólico ou material ou então puramente abstrato. Pode ser uma copa de ouro, ou uma jóia, a filha de um rei ou uma soma tribo. (Homo Ludens, Huizinga).

Alguns linguistas gregos designam a união entre as idéias de competição (prêmio e atleta) como num exercício, aplicação, resistência e sofrimento. Na sociedade primitiva a maior parte das atividades agonista, implicava, em severas provações tanto físicas quanto espirituais. A palavra originalmente significava competição.

Na china antiga Marcel Granet em regra geral todas as competições descritas combatentes titânicos e mortais, só acaba o torneio com a morte do vencido.

3. POR QUE COMPETIMOS TANTO ASSIM?

No nosso convívio diário estamos em constante competição. Tudo que precisamos além dos estudos e

do que conseguimos trabalhando temos que disputar para conseguir de forma mais democrática ou clara.

Sempre percebemos em nossa comunidade a competição por maiores salário, melhor profissão, um carro mais novo e mais equipado, melhor casa do bairro. Sempre somos comparados a alguém pelo que temos ou podemos ter. (O capitalismo selvagem – Carl Max).

Muitas pessoas não têm apreço por coisas materiais ou ditos supérfluo. Mas são minorias no meio competitivo/capitalista. Somos descendentes de europeus, portugueses e africanos com grande influência dos índios (nativos).

Acredito ser sem sentido o mundo sem a competição. Mas com regras e normas.

Haveria de termos uma escola de competição, faculdade com doutorado e tudo. Se tanto competimos, precisamos estar preparados para sermos mais leais, mais justos ao desenvolvermos a capacidade de entender o processo e suportamos melhor a derrota.

Não posso acreditar num mundo com apenas brincadeiras, jogos cooperativos, lutas, jogo etc. Sem que possamos competir, para testar nossos limites, forças e algo resistência.

Quando aprendemos fazer algo, sem sombra de dúvidas com maior eficiência. Por que não aprendemos a competir na escola onde o processo poderá ser melhor seguido, compreendido e interpretado como um todo.

4. OS JOGOS COOPERATIVOS NOS PREPARAM PRA COOPERAR

Assim como não aprendemos competir na teoria e prática acredito que não aprendemos cooperar onde muitas horas embora devessem, ao invés de disputarem planos torna um vencedor. Mas também é qualidade nata do brasileiro, ser companheiro nas horas mais difíceis. Embora tudo se transforme em piadas ou risos depois.

No jogo cooperativo ao menos esperar-se que todos vençam ou ninguém assim perca (homo Ludens, Johan Huizinga, 2001).

Como atividade de volta à calma, descontração após atividade competitiva para que os alunos entendam que acima dos valores em disputa estão às pessoas, agentes acionistas. Que tudo que excede ao

regulamento devera ser julgado na sua integra e nos rigores devidos. Sem a permissividade. Formando um cidadão bem constituído de direitos, deveres e de caráter.

Escola sem compreensões poderá ficar obsoleta e sem contexto social.

5. A COMPETIÇÃO AO DESPORTO ESCOLAR DEVE SER SUPRIMIDA?

Em Roma e sobre tudo na Grécia antiga os jovens eram preparados para a guerra ou para exercer p poder nas aulas do ginásio, termo conhecido até hoje por que nossa educação física escolar atual, sofre influencias adversas do ensino das civilizações antigas, devido às evoluções históricas dos povos.

No Brasil Rui Barbosa instituiu a lei da obrigatoriedade da Educação Física no ensino com “quatro” aulas semanais e que o corpo não dissociava na mente daí a celebre frase “mente sã e corpo sadio”.

No Tocantins parece que a Educação Física começa a existir com todas as outras modalidades de ensino (disciplinas) ao passo de ter apenas uma aula de Educação Física semanal e ainda encontramos coordenadores que exigem do professor aulas teóricas. Não que não haja teoria na Educação Física, privando os alunos da prática. Mas sim pelas interferências sociológicas, psicológicas e pedagógicas sobre a Educação Física. Isto não é competição existencial, sem falar na geração sedentária que está sendo produzida pela cultural vigente, tecnologia, computador e tecnologia, enquanto a educação não tiver cara e forma de Educação Física, todos vão interferir e ninguém nada fazer. (Paulo Freire).

Se tirarem à competição do meio escolar, vão tirar a garra, adrenalina o suor do corpo e depois outras coisas mais como até os profissionais em Educação Física.

Nesse jogo (competição) todos vão sair perdendo.

6. UM FAIR PLAY É RECOMENDADO?

Antes de competir temos que saber sobre as possibilidades resultantes de um jogo competitivo, que

são vitória, empate ou derrota, sendo que cada uma delas tem uma carga psicológica às vezes positiva ou negativa dependendo do que se esteja em jogo. Sempre devemos ser cortez, com nossos oponentes, zelando do Fair play, que se dá ao respeito a três fatores. As regras aos códigos e ao adversário (Conselho da Europa e Gonçalves, 1996).

Diferentemente do que faziam nossos ancestrais, que lutavam até a morte do vencido. Hoje às vezes quem perde sai mais inteiro do que o vencedor. A vida segue até a próxima batalha. Isto mostra um imenso crescimento ao longo do tempo. Quem não respeitar seu adversário poderá ser derrotado por isto. Fazendo valer a lei, tornando as competições mais justas e os vencedores mais dignos do seu titulo. E que a integridade física e moral sejam preservadas por todos.

7. CONSEQÜÊNCIAS E BENEFÍCIOS DA COMPETIÇÃO

Numa competição pode ocorrer das menores as piores conseqüências. Mas não é nem um pouco diferente das emboscadas que podemos encontrar em casa ou na rua, até acredito que compete está melhor preparado quando o problema acontecer.

Além do que está em jogo podemos extrair muito beneficios de uma competição, como melhora da saúde física, bem estar, interação com pessoas e grupos diversos, desalienação, força, destreza e etc (Homo Ludens. Johan Huizinga).

Muitas pessoas são valorizadas pelo que fazem de melhor quando competem e são vistas como heróis ou até mesmos deuses pelo que propiciam de alegria e prazer aos admiradores.

Considerações Finais

A produção deste artigo, além de elencar pensamentos e teorias de diversos personagens da evolução do processo educacional, e também fazer uma ponte sobre como eram realizadas as competições em outras épocas no tempo e espaço das civilizações que serviram como base de estudos e modelos de educação dos povos da atualidade.

Contudo séria difícil imaginar o homem de hoje vivendo como os homens da história antiga. E racional que a civilização deixasse de se comportar como

REVISTA CIENTÍFICA DO ITPAC

Volume 3. Número 1. Janeiro de 2010.

verdadeiros animais irracionais enquanto competiam, hoje estamos condicionados a viver sociedade, embora ocorram fatos de comportamentos e atitudes muito próximas do que era visto antigamente.

No modelo de competição moderna houve uma melhora significativa nos valores e nas formas de disputa, onde dois rivais podendo festejar junto à conquista de seu adversário basta que os valores pessoais estejam sobre os materiais.

Continuamos acreditando que os valores dos quais precisamos para viver em harmonia são aprendidos na família bem constituída de seus direitos e deveres e na escola que continua sendo a principal entidade detentora da capacidade transformadora da sociedade e responsável juntamente com todas as instancias de poderes, pelo desenvolvimento social.

O indivíduo precisa de mais crédito, segurança, fé, lazer e respeito. Para ter equilíbrio em suas ações. Como posso crescer numa atmosfera totalmente diferente da realidade de vida, sem contextos sociais. Devemos competir, mas temos que aprender a competir.

8. REFERENCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. PCN: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/ SEF, 1987.

FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Globo/ Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães. 47 ed. São Paulo: Globo, 1997.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens, 5ª ed. "O jogo como elementos da cultura". Ed. Perspectiva S/A, São Paulo, 1ª reimpressão, 2001.

Secretaria da Educação e Cultura, proposta curricular de Educação Física de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio, 2002.

SOLER, Reinaldo, Educação Física: Uma abordagem cooperativa. Rio de Janeiro, 2006.

TURIM, M., Da costa, L. P. Coletânea de textos em estudos olímpicos. Rio de Janeiro, ed. Gama Filho, 2002.

